

UM ESTUDO LONGITUDINAL SOBRE A INICIAÇÃO CIENTÍFICA, COMO ATIVIDADE CURRICULAR, SEGUNDO ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

* Isabel Cristina Dib Bariani

** Mariana Karina Dimázio

Os anos 90 têm sido caracterizados como a “Década da Iniciação Científica” e parece haver acordo na literatura que a iniciação científica (IC) é um caminho para a independência intelectual, pois contribui para o desenvolvimento de uma atitude criativa de curiosidade, de um raciocínio mais crítico e da autonomia, e dela pode emergir a vocação de cientista. Entretanto, investigações sobre esse assunto não são numerosas no Brasil.

Assim, nos últimos anos temos nos interessado e dedicado à investigações sobre o desenvolvimento da atividade de pesquisa por universitários, tanto realizada junto aos programas oficiais de iniciação científica, como enquanto atividade curricular - o que é o caso do presente estudo.

Antes de iniciar a apresentação desta pesquisa, faz-se necessário alguns esclarecimentos sobre a estrutura do curso em que foi realizada - o Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), SP, ou mais especificamente, sobre as disciplinas que compõem a área de pesquisa no seu currículo.

Na 1ª série há uma disciplina teórica, Introdução à Metodologia Científica em Psicologia, cujo propósito é introduzir conceitos de metodologia e propiciar conhecimentos e experiência instrumental em recursos metodológicos (como resumo, fichamento e resenha); na 2ª série há uma disciplina teórico-prática, Métodos de Pesquisa em Psicologia, na qual são abordados tópicos teóricos sobre metodologia de pesquisa e os alunos devem elaborar um projeto de pesquisa; na 3ª série, a disciplina Pesquisa em Psicologia é prática e tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisas e a comunicação das mesmas.

* Professora do Instituto de Psicologia - PUC-Campinas

** Bolsista de IC - CEAP - PUC-Campinas

Esta disposição das disciplinas da área de pesquisa começou a vigorar a partir de 1994, quando se deu o início da implantação de um currículo reestruturado.

Neste contexto, este estudo teve como **objetivo** o acompanhamento de estudantes do referido curso, quanto a alguns aspectos da iniciação científica, realizada como atividade curricular. Ou seja, pretendeu identificar as suas experiências em pesquisa e as condições em que ocorreram; descrever o desenvolvimento de habilidades para leitura de artigos de pesquisa e para a realização de pesquisas científicas, a importância atribuída a esta atividade e como é conceituada.

Método

Amostragens de 36 estudantes do Curso de Psicologia (em torno de 32% do total de cada série), foram submetidas a três coletas de dados, através de um instrumento impresso, com 09 questões fechadas e abertas. As duas primeiras coletas de dados ocorreram em 1995, no primeiro e último dias de aula, junto a estudantes da 2ª série. A terceira, se deu no final de 1996, com alunos da 3ª série.

A seleção dos informantes se deu aleatoriamente, após a aplicação do questionário em suas próprias classes.

Resultados

Os dados foram tratados quantitativa e qualitativamente e neste artigo estaremos apresentando os que consideramos mais relevantes para o momento.

1) Experiência em pesquisa científica

Observa-se na Tabela 1 que apenas 27% dos estudantes tinham a experiência de pesquisar antes da exigência curricular.

Tabela 1: Porcentagem de alunos que participaram / realizaram alguma pesquisa.

<i>Experiência</i>	<i>1ª Aplicação</i>	<i>2ª Aplicação</i>	<i>3ª Aplicação</i>
Sim	27%	63%	100%
Não	73%	37%	00

A Tabela 2 confirma este fato ao revelar que a grande maioria dos alunos tinham suas experiências em pesquisa nas disciplinas destinadas a esse fim, ou seja, ao elaborarem o projeto de pesquisa na 2ª série, ou ao desenvolverem o projeto na 3ª série. Eram poucos os estudantes que o faziam em outras condições, o que indica ser esta exigência curricular quase que a forma exclusiva de os universitários praticarem esta atividade e talvez se interessarem por ela.

Convém destacar que no estudo de Azzi (1993), os entrevistados, já graduados em Psicologia, foram específicos ao afirmar que foram despertados para a pesquisa durante a graduação, em função de determinadas disciplinas, ou professores.

É curioso notar que embora todos estivessem elaborando um projeto de pesquisa na 2ª série e desenvolvendo uma investigação na 3ª série, estas atividades não foram indicadas como uma experiência em pesquisa científica por todos os estudantes.

Tabela 2: Frequência das condições em que ocorreram as experiências em pesquisa.

<i>Condições da experiência em pesquisa</i>	<i>1ª N= 10</i>	<i>2ª N= 30</i>	<i>3ª N= 36</i>
Sujeito de pesquisa	-	03	-
Auxiliar de pesquisa	01	-	-
Bolsista de IC	01	01	02
Durante a vida acadêmica	04	05	06
Projeto elaborado na disciplina de pesquisa	-	19	-
Na disciplina de pesquisa	-	-	25
Na disciplina Psicologia Social	-	01	04
Coleta de dados em curso técnico	01	-	-
Em outro curso superior	02	-	01
Monografia de conclusão de curso	01	-	-
Em curso de pós-graduação	-	01	-

2) *Leitura de artigos de pesquisa*

A leitura de artigos de pesquisa reveste-se de importância, não só por se acreditar ser este um dos caminhos para se aprender a fazer pesquisas, como também e talvez principalmente, devido à necessidade de se preparar o “consumidor” de pesquisas, habilitado a tecer críticas teóricas e metodológicas às publicações consultadas, para o aprimoramento profissional.

Pode ser verificado, na Tabela 3, o crescente contato do aluno com artigos de pesquisas, conforme ocorre a construção do projeto da sua própria pesquisa. Isto parece promover um maior interesse, valorização e compreensão dos relatos de pesquisa, conforme é mostrado na Tabela 4.

Tabela 3: Frequência e porcentagem de realização de leitura de artigo de pesquisa.

<i>Leitura</i>	<i>1ª Aplicação</i>	<i>2ª Aplicação</i>	<i>3ª Aplicação</i>
Sim	17 (47%)	35 (97%)	35 (97%)
Não	19 (53%)	01 (3%)	01 (3%)

Tabela 4: Porcentagem das opiniões sobre os artigos de pesquisa lidos.

<i>Opiniões sobre os artigos</i>	<i>1ª</i>		<i>2ª</i>		<i>3ª</i>	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Compreendeu o texto	87%	13 %	97%	3%	100%	00
Achou agradável lê-lo	56%	44 %	82%	18 %	76%	24 %
Achou o conteúdo interessante	81%	19 %	82%	18 %	91%	9%
Propiciou aprendizagem	94%	6%	100%	00	100%	00

Os informantes também demonstraram que as dificuldades inicialmente encontradas para a leitura desse tipo de artigo diminuíram com a prática, o que pode ser constatado na Tabela 5.

Tabela 5: Frequência em que tiveram dificuldades nas leituras de artigos de pesquisa.

<i>Dificuldades</i>	<i>1ª Aplicação</i>	<i>2ª Aplicação</i>	<i>3ª Aplicação</i>
Sim	8	1	4
Mais ou menos	2	12	9
Não	6	19	20

As justificativas apresentadas para as dificuldades nas leituras de artigos de pesquisa, na primeira coleta de dados, referem-se à falta de hábito de leitura deste tipo de texto, desconhecimento do vocabulário técnico, pouco conhecimento teórico, entendimento da construção do instrumento e da interpretação dos gráficos e dos dados em geral.

Na segunda coleta de dados, os estudantes indicaram ter encontrado dificuldades nas primeiras leituras, devido aos termos técnicos e compreensão da metodologia. Porém, salientam que estas dificuldades foram superadas após discussões e assistência do professor.

Na última coleta de dados, tais dificuldades dizem respeito a linguagem técnica, entendimento da análise estatística e a textos mal escritos - o que denota a capacidade de ler criticamente.

Os termos técnicos aparecem como dificultadores nos três momentos de coleta de dados, sugerindo que precisam ser melhor identificados para posterior intervenção dos docentes responsáveis pelas disciplinas de pesquisa, no sentido de eliminar esta dificuldade.

3) Considerações sobre o pesquisar

Resultados interessantes foram obtidos quando solicitou-se aos alunos que avaliassem seus conhecimentos sobre metodologia de pesquisa, pois, de um modo geral, os que tinham mais tempo de experiência nesta atividade o fizeram menos favoravelmente do que os com menos experiência (Tabela 6).

Foram obtidos resultados semelhantes em outra investigação (Bariani, 1995), o que leva a supor que quanto mais os alunos se dedicam à atividade de pesquisa, mais descobrem que têm muito a aprender sobre ela. Porém, deve ser destacado que a iniciação científica realizada como

atividade curricular mostra-se eficaz, pois os alunos indicaram ter conhecimento sobre o processo do pesquisar (diferentemente do que foi constatado no estudo de Moura, Bosco, Diniz e Santos, 1993).

Tabela 6: Médias das respostas dos informantes, de 1 (insuficiente) a 5 (suficiente), conforme consideravam seus conhecimento para começar uma pesquisa.

<i>Conhecimentos para pesquisar</i>	1ª	2ª	3ª
Realizar a pesquisa científica	1,86	3,14	3,61
Planejar a pesquisa psicológica	1,78	3,33	3,28
Elaborar a introdução teórica da pesquisa	2,11	4,08	3,61
<i>Formular o problema de pesquisa</i>	2,31	4,22	3,89
Estabelecer a hipótese da pesquisa	2,19	3,89	3,81
Escolher o método científico	2,06	3,61	3,50
Escolher o delineamento da pesquisa	1,75	3,11	3,11
Decidir sobre as formas de coletar os dados	2,53	3,72	3,72
Elaborar os instrumentos de coleta de dados	2,19	3,50	3,31
Planejar as formas de análise dos dados	2,06	2,92	3,08
Fazer a revisão bibliográfica	2,86	4,03	3,83
Cuidar das questões éticas da pesquisa psicológica	2,47	3,81	3,72

A Tabela 7 mostra que o pico de dificuldades diante do pesquisar se deu no mesmo momento em que acreditavam ter mais conhecimento para realizá-la, ou seja, ao término da 2ª série. Verifica-se que nas três coletas de dados que embora tenham indicado ser o pesquisar uma atividade difícil, trabalhosa e até um pouco chata, também a consideraram interessante, desafiadora e importante.

À exemplo do obtido em outros estudos (Bariani, 1995 e Bariani e Dimárzio, 1997), para os universitários, fazer pesquisa científica colaborar substancialmente para a vida acadêmica e para a formação profissional.

Tabela 7: Médias das respostas dos informantes, de 1(pouco) a 5(muito), sobre o que consideravam fazer pesquisa científica.

<i>Fazer pesquisa</i>	1ª	2ª	3ª
Contribui para a formação profissional	4,77	4,42	4,39
É interessante	4,03	3,94	3,78
É trabalhoso	4,38	4,81	4,61
É difícil	3,77	4,03	3,61
É desafiador	4,03	4,36	4,19
Contribui para a vida acadêmica	4,6	4,42	4,31
É importante	4,69	4,66	4,31
É chato	3,03	2,94	2,86

4) “Fazer pesquisa é...”

O pesquisar, desenvolvido como atividade curricular, contribui para a mudança de perspectiva do aluno sobre esta atividade, no que diz respeito à concepção e significado atribuídos à mesma.

Mediante a questão “Fazer pesquisa é...”, 20% dos informantes da primeira coleta de dados não responderam. A maioria das respostas (cerca de 33%) referiram-se a: investigar, analisar, estudar ou aprofundar o conhecimento sobre um assunto. É considerada uma atividade importante e estimulante por 17% dos alunos desta amostra e trata-se de coleta de dados para 17%. Ou seja, parece que no início da 2ª série, os estudantes compreendiam o pesquisar de uma forma superficial e limitada, como é exemplificado nas seguintes respostas:

“Ler textos em busca de informações e dados que possam ser usados para que a pesquisa ocorra de forma correta.”

“Coletar dados com o objetivo de conhecer ao máximo o objeto de estudo.”

Na segunda coleta de dados, os estudantes indicaram um conhecimento técnico sobre o assunto, pois muitos descreveram as etapas para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, salientando a necessidade de uma metodologia apropriada (53%). Mais da metade dos informantes (53%) também apresentaram respostas entendendo o pesquisar como aprendizagem, aprofundamento de um conhecimento e busca de

novos conhecimentos. Ainda apontaram o fato de a pesquisa gerar benefícios para a sociedade (17%). As frases a seguir denotam uma concepção mais elaborada sobre pesquisar:

“Aprofundar um conhecimento, estudá-lo melhor, desenvolvê-lo e redescobri-lo.”

“É trabalhar de forma sistemática, consistente, ‘paciente’, com metodologia adequada, com firmeza e humildade. Contribui para aumentar o conhecimento

Para 56% dos estudantes que compuseram a terceira amostra, fazer pesquisa foi considerada como interessante, importante, desafiadora e gratificante. Indicaram que o pesquisar aprofunda um conhecimento e busca novos conhecimentos (28%); contribui para a formação acadêmica e profissional (11%); e gera benefícios para a sociedade (11%).

“Busca de novos conhecimentos, para que estes possam ter aplicabilidade prática, facilitando, posteriormente, o trabalho que envolve estes conhecimentos.”

“Muito interessante. Propicia motivação para a busca de conhecimentos. É uma oportunidade de realização pessoal: buscar sozinho a realização de um estudo.”

Convém esclarecer que quando estes últimos dados foram coletados, todos os estudantes já haviam concluído os seus estudos e realizado a apresentação dos mesmos em um evento científico interno, promovido pelo próprio curso. Assim, a gratificação resultante da capacidade de produzir conhecimento era muito presente.

Observou-se que ao final da 3ª série os alunos não estavam muito preocupados em dar respostas que demonstrassem seus conhecimentos técnicos sobre o processo de pesquisar, conforme aconteceu ao término da 2ª série.

No estudo de Moura, Bosco, Diniz e Santos (1993), também realizado com estudantes de Psicologia, as autoras encontraram uma

concepção de pesquisa idealizada, desconhecimento sobre técnicas e etapas da pesquisa e falta de interesse pela atividade.

Parece que ao contrário do que foi obtido na investigação destas autoras, realizada em outro curso, ou no estudo de Natário (1994), desenvolvido no mesmo curso da presente pesquisa antes da reestruturação curricular, os resultados aqui apresentados sugerem que os alunos não só conceituaram apropriadamente o pesquisar, como demonstraram ter interesse e uma compreensão crítica sobre esta atividade.

Considerações finais

Os resultados deste estudo indicam que a grande maioria dos estudantes do Curso de Psicologia têm as suas primeiras experiências de pesquisa científica enquanto atividades curriculares. Nestas atividades, também iniciam o caminho no sentido de habilitarem-se para a leitura de artigos de pesquisa e para a realização autônoma de estudos científicos, assim como ampliam o conceito que têm de pesquisa.

Considerando a pesquisa um instrumento educativo, pois leva o estudante a lidar com o processo de conhecer e não apenas com o produto desse processo (Almeida, 1995), conclui-se que a iniciação científica, desenvolvida como atividade curricular, é um investimento frutífero para a formação ampla do estudante universitário

Assim, entende-se que o pesquisar deveria ser um objetivo educacional básico para universitários, com função formativa, como alicerce e não como luxo (Ades, 1981).

Deveria ser compromisso do ensino superior oferecer uma sólida preparação científica aos seus alunos, habilitando-os a estudar cientificamente a sua realidade, como alunos, como futuros profissionais e como cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

- ADES, C. (1981). Treino em Pesquisa, Treino em Compreensão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1 (1): 107-140.
- ALMEIDA, L. M. do A C. (1995). Sobre a Iniciação Científica, ou sobre a Difícil Tarefa de Formar Profissionais Críticos e Autônomos. *Anais do I Encontro de Iniciação Científica da USF*, Universidade São Francisco.
- AZZI, R. G. (1993). *Pesquisa em Educação e Psicologia: Identificação de Condições que Favorecem sua Ocorrência na Universidade*. Tese de Doutorado, FE, UNICAMP.
- BARIANI, I. C. D. (1995). Um Estudo Exploratório sobre os Motivos e os Significados Associados à Prática da Pesquisa por Universitários. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 57-63.
- BARIANI, I. C. D. e DIMÁRZIO, M. K. (1997). Perspectivas da Iniciação Científica por Estudantes Bolsistas de IC. *VI Encontro de Pesquisadores*, PUC-Campinas.
- MOURA, M. L. S. de; BOSCO, E.; DINIZ, L. F.; e SANTOS, T. G. (1993). A Pesquisa em Psicologia e o Aluno de Graduação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 6 (1/2), 17-38.
- NATÁRIO, E. G. (1994). *Atividade de Pesquisa em Psicologia, Segundo a Perspectiva dos Estudantes*. Dissertação de Mestrado, IP. PUC-CAMPINAS.